

CONDIÇÕES DA HOSPITALIDADE EM “THE DISPLACED PERSON” DE FLANNERY O’CONNOR

CONDITIONS OF HOSPITALITY IN FLANNERY O’CONNOR’S “THE DISPLACED PERSON”

Lígia Bernardino*
ligia.bernardino@gmail.com

“The displaced person” (1954), conto da escritora norte-americana Flannery O’Connor, problematiza a questão do acolhimento de refugiados através do desencadamento de zonas de conflito desmascaradores de feridas interculturais e sociais. Para além das decisões políticas, existe a mais difícil conciliação de vontades, propiciadora da transformação do refugiado em *homo sacer*, pelo não reconhecimento dos seus direitos, ou em força de trabalho a explorar. A hospitalidade convertida numa travessia de perigosidades várias constitui-se, assim, como *topos* privilegiado deste conto. O presente ensaio debruça-se sobre as irradiações resultantes das especificidades que a condição de refugiado implica tal como percecionado por Flannery O’Connor através de “The displaced person”.

Palavras-chave: O’Connor, refugiados, integração, rejeição, lei, convenção.

“The displaced person” (1954), a short story by the North-American writer Flannery O’Connor, explores the refugee’s issue as it triggers conflict zones that unmask both intercultural and social wounds. Besides the political decisions, there is the difficult task of conciliating diverging wills. All this favours the turning of the refugee into a *homo sacer*: his rights are not acknowledged; he is taken as labour force, bound for exploitation. Thus, hospitality becomes a crossing of different sorts of dangers, which is a privileged *topos* of this short story. The present essay dwells on Flannery O’Connor’s views about the refugee’s condition and the scope of the issue as implied in “The displaced person”.

Keywords: O’Connor, refugees, integration, rejection, law, convention.

* Universidade do Porto / Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Portugal.

Veio um silêncio, veio também uma tempestade,
vieram os mares todos.
Eu cavo, tu cavas, e o verme cava também,
e aquilo que ali canta diz: eles cavam.

Oh um, oh nenhum, oh ninguém, oh tu:
para onde íamos que não fomos para lado nenhum?

Paul Celan, *A Rosa de Ninguém* (1963)

1. Rejeição da alteridade

O mais extenso conto de Flannery O'Connor, escritora norte-americana do estado da Georgia, no Sul dos Estados Unidos, é "The displaced person", publicado em 1954. Nele, a alteridade, a hospitalidade e a adaptação apresentam-se como zonas de conflito insanável, face às pulsões sociais e psicológicas, coletivas e individuais de todos quantos se veem envolvidos pelo processo de acolhimento dos deslocados, ou seja, dos refugiados.

Assim, analisar a chegada de uma família de refugiados a uma recém-dita quinta de um estado do Sul dos Estados Unidos implica, por sinédoque, a percepção de que o drama de Mr. Guizac, o polaco que abandona o campo de internamento onde estaria a viver após o término da segunda guerra mundial, é comum a todos quantos passam por uma situação idêntica no momento de acolhimento.

No universo particular de O'Connor, longe das grandes metrópoles, longe, portanto, de sociedades cosmopolitas, a presença do estranho converte-se num processo de crescente rejeição. No entanto, o espaço privilegiado da ficção desta autora é irredutível a uma explicação única de choque civilizacional. Conforme afirma Jolly Kay Sharp, "throughout her fiction, O'Connor incorporated Southern settings, idioms, situations and personalities without diminishing their importance" (2011, p. 16). Ao transpor essas particularidades de um estado norte-americano específico para lhes atribuir um valor mítico, esta escritora universaliza as experiências humanas, facto esse que é notório em "The displaced person".

Mr. Guizac e família exemplificam os mais de doze milhões de pessoas que viviam na Europa numa situação de deslocados, deambulando pelas estradas, ou sobrevivendo em campos de acolhimento após o término da segunda guerra mundial. Em 1948, ao abrigo da "Displaced Persons Act"

(lei para as pessoas deslocadas, ou seja, os refugiados), duzentos mil europeus foram autorizados a entrar nos Estados Unidos, facto que, não sendo referido explicitamente em “The displaced person”, subjaz a todo o conto. Afinal, não são as leis estatais que determinam as ações das personagens; essas, como refere Derrida, impõem-se na sociedade ocidental desde o Iluminismo “par contrat ou convention. Ce sont des prothèses” (2008, p. 71).

“The displaced person” reflete e supera a artificialidade da convenção. Reflete, dado a lei estatal incentivar medidas para a integração dos refugiados; supera, na medida em que há uma outra convenção cultural convertida em atitude ética que condiciona essa mesma integração. A estranheza face às ações e hábitos do refugiado, designadamente a incompreensão da língua, desperta nos habitantes locais resistências inultrapassáveis que conduzem ao desmoronamento de uma esperança de integração pacífica. Como afirma Sarah Gordon, O’Connor explora “the dark side of human nature” (2003, p. 121), pelo que se nota “the absence throughout her fiction of the plain old milk of human kindness, of love in any human relationship, of simple friendship” (*idem*, p. 95). Destarte, a presença do refugiado, pelos desequilíbrios que desencadeia na micro-sociedade onde acaba inserido, potencia uma zona cinzenta onde razão e sentimento, justiça e exploração se mesclam apocalipticamente.

Dado o contexto histórico, acolher um refugiado poderia converter-se em redenção; neste conto, porém, o processo converte-se em pesadelo moral. Mrs. McIntyre, dona de uma propriedade agrícola, é persuadida por um padre católico a receber uma família de refugiados. No entanto, a sua integração redundando no irromper de sentimentos contraditórios, incompatíveis com a mera ação de exercer o bem pelo resgate daqueles que teriam experimentado o horror da guerra. Assim se problematiza a questão do acolhimento: o entendimento do outro inviabiliza-se progressivamente, pelo que a possibilidade da prática do bem acaba por ser tão tentadora quanto inconcretizável.

Ainda que se referindo a refugiados políticos, Derrida diagnostica as condições de hospitalidade, denunciando o aproveitamento económico que dele sempre decorre. Segundo este filósofo, para quem acolhe, “é absolutamente necessário que [o refugiado] trabalhe e não esteja sempre, simplesmente e totalmente, ao encargo do país que o acolhe” (2001, p. 34), para concluir que “o discurso sobre o refúgio, o asilo ou a hospitalidade tornam-se [...] puros alibis retóricos” (*idem*, p. 35). Se o universo ficcional de Flannery O’Connor se constitui enquanto microcosmos revelador das vivências humanas, então o alcance de “The displaced person” supera tanto

as fronteiras espaciais do estado da Georgia, como o tempo histórico que determinou a abertura das fronteiras americanas a europeus sem cidadania a partir de 1948.

A questão da utilidade do refugiado para o país de acolhimento, conforme enunciado por Derrida, está também patente neste conto, por intermédio sobretudo de Mrs. McIntyre, a dona da quinta que recebe Mr. Guizac. De facto, olhando para ele, e após enumerar as despesas acumuladas na gestão da quinta, comenta: “‘He has to work! He wants to work!’ She turned to Mrs. Shortley with her bright wrinkled face. ‘That man is my salvation!’” (O’Connor 2009, p. 203).

As conotações atribuíveis a esta última palavra são características de Flannery O’Connor: a salvação adquire um valor duplo por referir-se economicamente à manutenção da quinta e religiosamente a um resgate espiritual, como se a presença do refugiado fosse uma revelação em curso. Do elogio inicial à rejeição final, porém, fica o conflito moral que leva à perdição da dona da quinta. Por outro lado, o sofrimento do refugiado é intuído pelas imagens à distância que as personagens locais conhecem. Há, sobretudo, uma que antecede o encontro da família dos refugiados: os corpos nos campos de concentração nazis. A violência das imagens poderia incitar sentimentos de compaixão. No entanto, o preconceito e o medo da alteridade sobrepõem-se à ética:

Mrs. Shortley recalled a newsreel she had seen once of a small room piled high with bodies of dead naked people all in a heap, their arms and legs tangled together, a head thrust in here, a head there, a foot, a knee, a part that should have been covered up sticking out, a hand raised clutching nothing. Before you could realise that it was real and take it into your head, the picture changed and a hollow-sounding voice was saying, ‘Time marches on!’ This was the kind of thing that was happening every day in Europe where they had not advanced as in this country, and watching from her vantage point, Mrs. Shortley had the sudden intuition that the Gobblehooks, like rats with typhoid fleas, could have carried all those murderous ways over the water with them directly to this place. (O’Connor 2009, p. 196)

A descrição expressionista enfatiza o grotesco que invade a imaginação de Mrs. Shortley, uma trabalhadora da quinta e confidente de Mrs. McIntyre que se sente ameaçada pela presença dos refugiados. As imagens evocadas são duras, mas menos penosas para a personagem do que a repulsa sentida face à presença do refugiado: o horror nunca atravessaria o oceano se os refugiados se mantivessem na Europa. Objetivamente, nada há a temer em

Mr. Guizac; nos meandros da mente de Mrs. Shortley, quase que profeticamente antecipando a desgraça que cairá sobre os dois em momentos distintos, o perigo de contágio transforma-se numa apocalíptica praga de ratos. Mais do que uma imagem grotesca, trata-se do grande significante que determina o acolhimento de Mr. Guizac e família.

Segundo palavras da autora, num ensaio escrito em 1960, a presença do grotesco tão característico da sua obra resulta de um ato de escrita em que o concreto surge "in a more drastic way" (1960); por outras palavras, a realidade empírica representa-se através de um "way of distortion" (*ibidem*). Deste modo, em vez de proceder a um mero retrato realista do quotidiano, O'Connor pretende desvelar o invisível que precede o ato individual ou coletivo, as pulsões que o incitam e cujos efeitos nem sempre se conciliam com os padrões éticos abertos e quantas vezes superficialmente apregoados. Ao fazê-lo, alarga o sentido primeiro das suas narrativas, que buscam significações para além do circunstancial. Como afirma Edward Kessler, cada metáfora na obra de O'Connor "is a microcosm: the ever-present, ever-varying conjunction of the known and the unknown" (2017, p. 12), independentemente do tempo e do lugar. Portanto, a saga de Mr. Guizac, as reações que a sua vida suscita, as vicissitudes da sua existência problematizam experiências semelhantes de todos os tempos e lugares.

As personagens criadas por esta autora, e usando palavras suas, "seem to carry an invisible burden" (O'Connor, 1960). Ora, esse peso em "The displaced person" nota-se, por um lado, na desconfiança, rejeição e cumplicidade das personagens que observam o refugiado; por outro, deteta-se no afã deste para garantir o trabalho e, com ele, a permanência em território americano, até porque, de acordo com a referida lei dos refugiados, apenas ficariam nos Estados Unidos aqueles que garantissem modo de sustento e não ocupassem postos de trabalho dos cidadãos desse país.

Há, entre a comunidade de acolhimento, uma visão pré-concebida dos refugiados. Eles trazem consigo a marca da devastação, cicatriz difícil de superar e de que as imagens aludidas são a prova mais lancinante. A língua, por seu turno, atesta uma forma de vida e uma cultura diferentes. A focalização interna da primeira parte centrada em Mrs. Shortley desmascara a resistência atávica das personagens locais face ao imprevisto, face à alteridade, ainda que as evidências não justifiquem tal rejeição: "the first thing that struck her as very peculiar was that they looked like other people" (O'Connor 2009, p. 195). A semelhança física, no entanto, tem como contraponto não só os atos de Mr. Guizac, marcados pela tenacidade e eficácia no trabalho, mas também pela desconfiança das personagens face a esses

mesmos atos, como se neles adivinhassem uma intenção insondável de pôr em perigo o até então conhecido, mesmo se tal fosse – como efetivamente era – uma sociedade retrógrada e hierarquizada.

Aquém de uma racionalidade superadora de barreiras culturais, as personagens de “The displaced person” observam os refugiados a partir de sentimentos íntimos e primários, incapazes de uma empatia com o novo que desestabiliza todo o seu *status quo*. Os raciocínios elaborados não têm por fim encontrar um modo de compatibilização, mas reforçam progressivamente o desconforto pela presença do outro:

The trouble with these people was that you couldn't tell what they knew. Every time Mr. Guizac smiled, Europe stretched out in Mrs. Shortley's imagination, mysterious and evil, the devil's experiment station. (O'Connor 2009, p. 205)

Uma rejeição suscitada pelo sorriso do outro: a empatia inviabiliza-se devido a sentimentos íntimos de repulsa justificados pelas imagens terríveis da Alemanha nazi. A consciência de que estes refugiados permaneceriam na vizinhança intensificam o medo de contágio do mal. A morte consentida ou suscitada de Mr. Guizac representa o corolário dessa rejeição, ao mesmo tempo que problematiza a questão da banalidade do mal, não somente porque ninguém impede a morte do refugiado, mas também pela própria insídia do quotidiano, que impede qualquer forma de integração.

Ainda segundo Flannery O'Connor, “fiction begins where human knowledge begins – with the senses – and every fiction writer is bound by this fundamental aspect of his medium” (1960). Há, portanto, uma sensibilidade a explorar que, em “The displaced person”, parte de um facto concreto, os refugiados da segunda guerra mundial, para uma análise do comportamento humano quando confrontado com a alteridade.

2. Movimento dos refugiados

A propósito da imigração nos Estados Unidos, Hannah Arendt comenta em nota de rodapé na obra *As Origens do Totalitarismo*, publicada pela primeira vez em 1951 e sucessivamente reeditada, que este país “sempre considerou quaisquer recém-chegados como seus próprios cidadãos em potencial, independentemente da nacionalidade anterior” (2016, p. 367). Talvez a palavra-chave aqui enunciada seja “potencial”, dado não implicar uma concreta e incontestável aceitação do outro. De facto, o acolhimento obedece a regras estritas, o que é exacerbado na *Displaced Persons Act* de

1948, no âmbito da qual uns vizinhos polacos da autora terão entrado nos Estados Unidos, conforme refere Dave Griffith (2015). Por isso Flannery O'Connor terá ficcionado Mr. Guizac e família como parte integrante desse conjunto de refugiados então admitidos no seu país.

Se esta lei representou uma esperança para aqueles que, na Europa do pós-segunda guerra mundial, viviam uma condição de apátridas, resultante do que Hannah Arendt denomina de "desnacionalizações em massa" (2016, p. 368), por outro lado, havia sempre o risco de retorno a uma situação de apátrida, cuja consequência incluiria a perda do estatuto de refugiados. Segundo Arendt,

[a]té a terminologia aplicada ao apátrida se deteriorou. A expressão «povos sem Estado» pelo menos reconhecia o facto de que essas pessoas haviam perdido a protecção do seu governo e tinham necessidade de acordos internacionais que salvaguardassem a sua condição legal. A expressão 'deslocados de guerra' (*displaced persons*) foi inventada durante a guerra com a finalidade única de liquidar o problema dos apátridas de uma vez por todas, por meio do simplório expediente de ignorar a sua existência. (Arendt 2016, p. 370)

Desde o início, portanto, a designação de "displaced person" adquire um cunho pejorativo, que o conto homónimo de Flannery O'Connor confirma. Neste caso, e de novo atestando a dualidade permanente da sua obra, ou, como refere Asals Frederick, a sua "attraction to polarities" (2007, p. 1), que a leva a mover-se entre "two poles at once" (Frederick 2007, p. 67), o distanciamento da situação de guerra torna-se, para Mr. Guizac, motivo de aplicação ao trabalho, assim cumprindo com um dos requisitos da integração. Por outro lado, a experiência passada aguça-lhe o sentimento de solidariedade para com os que permaneciam no seu país de origem e continuavam a atravessar as dificuldades de que ele e a sua família já não padeciam.

Mas Mr. Guizac, como acima referido, não conta a sua história, pelo que é pelos seus atos que se depreende a conformidade com os refugiados europeus que a primeira metade do século XX produziu. Portanto, perceber esta personagem implica conhecer o drama dos milhões de pessoas em trânsito pela Europa nesse período de tempo. Muitos tornaram-se refugiados, como os que passaram por Portugal durante a segunda guerra mundial, até encontrarem um país de acolhimento, especialmente no continente americano. Outros, circulavam de país em país, tornando-se apátridas e, como descreve Arendt, "quando perdiam os seus direitos humanos perdiam todos os direitos: eram o refugio da Terra" (2016, p. 353). O acolhimento era pois para eles o resgate a tal condição.

Se Mrs. McIntyre encarava Mr. Guizac como uma possibilidade de salvação, também Mr. Guizac consideraria o seu novo trabalho como um resgate salvífico. A descrição que faz da prima ainda aprisionada num campo de refugiados na Europa é significativa:

“She six-teen year”, he said. “From Poland. Mamma die, pappa die. She wait in camp. Three camp.” He pulled a wallet from his pocket and fingered through it and took out another picture of the same girl, a few years older, dressed in something dark and shapeless. She was standing against a wall with a short woman who apparently had no teeth. “She mamma”, he said, pointing to the woman. “She die in two camp.” (O’Connor 2009, p. 223)

O traço realista deste discurso num Inglês torpe apresenta-se consentâneo com os relatos de outros apátridas. O drama da sobrevivência em campos de internamento (única forma possível de existência na Europa para refugiados) era suficientemente violento para justificar cedências, incluindo arranjar casamentos desiguais, como o proposto por Mr. Guizac a Sulk, um dos negros que trabalhava na quinta de Mrs. McIntyre. Por isso, face ao sentimento de repulsa demonstrado por esta, o refugiado limita-se a responder: “she no care black [...] She in camp three year” (*ibidem*). Sendo para O’Connor a distorção um processo privilegiado na construção das suas narrativas, neste extrato, mais do que a questão linguística, salientam-se o horror do vivido pelos refugiados, bem como a incompreensão desse mesmo horror por parte daqueles que os acolheram.

A solidariedade demonstrada por Mr. Guizac em relação à prima revela o apego que os refugiados mantêm com os seus países de origem, conforme Arendt refere. Por outro lado, a sua presença no novo país (como a presença dos restantes deslocados que acederam aos Estados Unidos a partir de 1948) transporta consigo a Europa, com todas as imagens de guerra que então lhe estavam associadas. A propósito de todos os refugiados que afluíram a Portugal por altura da segunda guerra mundial, Irene Flunser Pimentel comenta que “com os refugiados, a Europa ‘chegou’ a Portugal” (2006, p. 368). Algo de semelhante acontece com a família dos Guizac e a sua presença imposta à comunidade local do estado da Geórgia. Porém, a Europa que chega é acompanhada das imagens de horror dos campos de concentração, donde o medo e a crescente rejeição do refugiado e da sua família.

O ponto de viragem de “The displaced person” prende-se a uma estranheza resultante de fatores culturais e experienciais: não só o refugiado aparenta possuir conhecimentos superiores aos demais, como terá enfrentado realidades de uma dureza inimaginável para eles. Por isso, Mrs. McIntyre

interpreta como uma espécie de sacrifício intolerável um ato de salvação, que seria o casamento da jovem de ar angelical com um trabalhador rural negro. Nessa altura, advém todo o preconceito da sociedade em que a dona da quinta vive. Como numa iluminação, o refugiado transforma-se para ela em alguém "smart, thrifty and energetic" (O'Connor 2009, p. 224), ao passo que a sua aparência se fragmenta até parecer um monstro, cuja face "might have been patched together out of several others" (p. 222). De novo a distorção, sugerida pela fragmentação do corpo em partes que recorda os corpos dos campos de concentração nazis, mas que reflete também a técnica de criação de O'Connor, como refere Sarah Gordon (2003, p. 121).

Mr. Guizac não estava na propriedade de Mrs. McIntyre em trânsito: ele e a família firmariam residência naquele local, alterando um *status quo* marcado por uma hierarquização em que os Negros e trabalhadores brancos tinham já as suas estratégias consentidas e consolidadas de sobrevivência. Por isso, a repulsa pelo refugiado vai crescendo no inconsciente de Mrs. McIntyre: "the Pole never did anything the wrong way but all the same he was very irritating to her" (p. 230).

Dave Griffith aponta a "dark moral force" (2015) deste conto, em que se deteta um gradual aumento de violência, como se, mais do que contagiante, fruto da maldade nazi que se reconhecia a partir das imagens dos campos de concentração, ela grassasse nos meandros da mente humana. Por isso, Mrs. McIntyre sente as batidas do seu coração "as if some interior violence had already been done to her" (O'Connor 2009, p. 224). Ao considerá-lo não apenas como qualquer outro trabalhador, mas generalizando-o como se equivalesse a qualquer outro deslocado que vinha apenas perturbar a paz local, esta personagem revela a rejeição latente da alteridade, sentimento que se superioriza a qualquer discurso de tolerância ou argumentação racional.

3. O silenciamento da experiência

Mr. Guizac é um refugiado polaco que nunca conta a sua história: O'Connor opta por narrar as suas ações através da focalização de outras personagens, assim provocando um efeito de distanciamento. Ao fazê-lo, silencia-o, o que se coaduna com a atitude da população local. No entanto, através desse silenciamento, não só se intensifica a percepção de que quem o observa cairá na tentação de o rejeitar inapelavelmente, como se intensifica o seu drama. Afinal, nota-se em "The displaced person" uma incompreensão liminar por parte das gentes locais, que assim revelam uma indigência de experiência condicionadora do sentimento de hospitalidade para com a família Guizac.

O elemento que caracteriza o chefe de família é a sua inesgotável força de trabalho, desumanizando-o aos olhos dos negros, de Mr. Shortley e até de Mrs. McIntyre. Visto superficialmente, parece um autómato, cuja força de trabalho põe em causa os empregos dos restantes trabalhadores locais. O silêncio desta personagem – por não falar Inglês e por comunicar apenas o essencial para o desenvolvimento do seu trabalho – determina a incompreensão a que é votado no país de acolhimento. No entanto, tal favorece a criação de situações como as que Walter Benjamin denomina de “grande barbárie” (2008, p. 74), quando reflexo de uma incapacidade de relatar e, portanto, de difundir a tragédia vivida. Deste modo, qualquer possibilidade de empatia com o sofrimento experienciado fica posta em causa.

Mr. Guizac não tem voz: porque não fala Inglês, ou aprende-o muito a custo. Logo, este refugiado é permanentemente vítima de ostracismo. Em palavras de Mrs. McIntyre, e após a exteriorização da sua repulsa, “he’s extra [...] He doesn’t fit in” (O’Connor 2009, p. 225). Sem voz, resta o trabalho, que era até obrigatório enquanto garantia de permanência, conforme legislado na lei para os deslocados de 1948. Assim, Mr. Guizac acaba vítima de um oportunismo que as circunstâncias permitiam. Estando para além da espera, pois encontrou já o que lhe parecia a boia de salvação, estando instalado e a construir uma nova vida, resta-lhe disponibilizar o seu esforço e conhecimento técnico, ainda que olhando para uma Europa onde permaneciam focos de totalitarismo.

Como sustenta Arendt, no século XX, a Humanidade “concebida durante tanto tempo à imagem de uma família de nações, havia alcançado o estágio em que a pessoa expulsa de uma dessas comunidades rigidamente organizadas e fechadas se via expulsa de toda a família de nações” (2016, p. 389). Talvez Mr. Guizac se apercebesse da fragilidade da sua condição de novo imigrante em condições específicas. Curvatura nas costas, óculos redondos dourados e o facto de beijar a mão de Mrs. McIntyre quando a conhece sugerem alguém de educação superior, que só é aceite mediante o compromisso de trabalhar sem ocupar o emprego de outros, sendo um trabalhador agrícola, como constante numa das cláusulas da lei dos deslocados da segunda guerra mundial. Donde a vontade de mostrar-se empenhado, de ser um trabalhador exemplar, até denunciando os pequenos delitos dos trabalhadores negros, por exemplo.

Na quinta que agora é o seu local de trabalho, ele conduz um trator e usa máquinas que lavram a terra, às vezes junto a uma sepultura. O valor simbólico é nítido, semelhante ao escrito por Paul Celan, no célebre poema “Fuga da morte”. Nele, este poeta de língua alemã evoca o trabalho dos

Judeus através de imagens poderosíssimas, que confluem para a violência de túmulos por si cavados: “cavamos um túmulo nos ares aí não ficamos parados” (1952, p. 15), ou “saem os seus judeus manda abrir uma vala na terra / ordena-nos agora toquem para começar a dança” (*ibidem*). O ato de cavar ou revolver a terra anuncia a inevitabilidade de um fim trágico e injustificável. Tal como acontece com Mr. Guizac: ele ignora que o trator por si habilmente manobrado irá atropelá-lo, matando-o. A sepultura por onde passa ao lavrar ou ceifar os campos anuncia a sua morte, ao mesmo tempo que denuncia a fragilidade da condição de refugiado.

Aparentemente, o silêncio de Mr. Guizac denuncia também uma desatenção: empolgado pelo que parece ser o culminar de drama começado na Europa, Mr. Guizac não percebe a desconfiança e a rejeição circundantes. Donde a surpresa pela abordagem de Mrs. McIntyre:

“I cannot understand how a man who calls himself a Christian,” she said, “could bring a poor innocent girl over here and marry her to something like that. I cannot understand it. I cannot!” and she shook her head and looked into the distance with a pained blue gaze.

After a second he shrugged and let his arms drop as if he were tired. (O'Connor 2009, p. 223)

Em Mrs. McIntyre, o preconceito das uniões interracialis une-se à desconfiança face à alteridade, como se o estrangeiro se tornasse numa imagem diabólica, ao ponto de evocar o cristianismo do refugiado polaco. Este relativiza a desigualdade da união face ao sofrimento anteriormente vivido. A inexistência de uma experiência semelhante e a impossibilidade de conhecê-la devido ao silêncio do refugiado, que significativamente encolhe os ombros, corrói qualquer réstia de solidariedade que Mrs. McIntyre pudesse manter. Mr. Guizac encolhe os ombros, como se desistisse, ou como se conformasse à incompreensão do seu país de acolhimento.

Segundo Derrida, a hospitalidade não pode ser confundida com exílio: os exilados solicitam a hospitalidade; o local de exílio pode, ou não, concedê-la. Mais do que uma questão moral, de leis ou de acordos particulares, trata-se de uma questão prática e empírica de aceitação:

le fait d'être chez-soi hors de chez-soi, est une scène à la fois d'exil et d'hospitalité, les exilés, ceux qui demandent l'asile, l'hospitalité, ne sont pas chez-eux, ils cherchent un chez-eux, et voilà l'homme qui reçoit ou ne reçoit pas, dans ce point d'eau qui est une source, une ressource pour les hôtes ou les hôtes exilés ou ceux qui demandent asile. (Derrida 2008, p. 329)

Pensando ter finalmente chegado à sua casa, Mr. Guizac depara-se com a manutenção de uma vulnerabilidade: ele é um hóspede que pode, ou não, ser bem recebido. Não estando em trânsito, ele é um refugiado que experiencia uma hospitalidade sem a efetivação de um exílio, pois acaba por morrer. Procurando a construção de uma casa que fosse verdadeiramente sua, defronta-se apenas com a desconfiança, a intriga, a incompreensão, nunca se anunciando a superação da diferença cultural entre o exilado e os habitantes do local de acolhimento. A experiência silenciada de Mr. Guizac torna-o mero elemento da paisagem, olhado e comentado pelos outros, precisando de um tradutor. Este é o seu filho, uma criança sem experiência relevante e consciente a transmitir, mero intermediário de comunicação.

Tal diferimento obstaculiza o entendimento no país que o acolhe, criando um interdito que distancia Mr. Guizac da comunidade em que foi inserido e que impede a sua salvação. Conforme explica Jacques Derrida, “quand on interdit l'accès à une langue, on n'interdit aucune chose, aucun geste, aucun acte. On interdit l'accès au dire, voilà tout, à un certain dire” (1996, p. 58). Portanto, enquanto portadora de uma realidade experienciada, a língua permite uma abertura ao conhecimento que, em “The displaced person”, se torna infrutífera, pois o refugiado não tem meios para expressar-se senão pelos gestos e atos. O seu percurso é, assim, de queda.

4. Dúbia ética da recepção

A crescente e visceral repulsa de Mrs. McIntyre pelo refugiado revela um desconcerto ético. Ela quer despedir Mr. Guizac, di-lo aos outros empregados e ao padre, mas nunca concretiza tal determinação, talvez porque não haja justificação palpável para o fazer. Esta atitude, de resto, corresponde ao perfil desta personagem: ela nunca despedira ninguém. Os trabalhadores iam sempre embora antes do despedimento, como aconteceu com a família Shortley. No entanto, a progressiva inquietação e até o definhamento de Mrs. McIntyre comprovam a singularidade da situação vivida: em causa não está a incapacidade ou incompetência de Mr. Guizac; em causa estão prerrogativas morais.

O refugiado polaco chega ao estado norte-americano da Georgia por intermédio de um padre católico. Mas não se trata apenas de um refugiado individual: trata-se de alguém que esteve num campo de acolhimento europeu, que as gentes locais associam às imagens grotescas dos campos de concentração nazis. Ele é, portanto, um símbolo do horror que avassalou a Europa durante a segunda guerra mundial. Segundo Slavoj Žižek, “although

our power of abstract reasoning has developed immensely, our emotional-ethical responses remain conditioned by age-old instinctual reactions of sympathy to suffering and pain that is witnessed directly" (2008, p. 36). Terá sido esse tipo de empatia, associado ao desejo de aumentar a eficácia e produção da propriedade agrícola, que levou Mrs. McIntyre aceitar a proposta do padre. O desejo material de enriquecimento une-se ao sentimento ético de fazer o bem, ou ao instinto de agir contra o horror. A resistência à alteridade, porém, assume proporções inesperadas. Ainda Žižek:

Today's liberal tolerance towards others, the respect of otherness and openness towards it, is counterpointed by an obsessive fear of harassment. In short, the Other is just fine, but only insofar as his presence is not intrusive, insofar as this Other is not really other... Tolerance coincides with its opposite. (Žižek 2008, p. 35)

A queda do refugiado tem como contraponto a queda de Mrs. McIntyre, enraizada no medo que se torna obsessivo de um contágio cujos efeitos tenderiam à derrocada do estilo de vida local. Aprisionada entre vontade de fazer o bem, obter lucro e a uma crescente diabolização do refugiado, Mrs. McIntyre encontra o seu próprio apocalipse.

"The displaced person" problematiza a questão da hospitalidade, sendo o hóspede constituído por uma legião de refugiados convertidos em alteridade ameaçadora e sem retorno. Mr. Guizac terá de garantir a permanência, assim como muitos milhares iguais a si, o que, para quem os recebe, representa uma instabilidade de consequências imprevisíveis. A principal voz de oposição ao refugiado, Mrs. Shortley, imagina até uma guerra de palavras, em que o Inglês seria invadido por termos polacos, numa miscigenação diabólica, convertida numa imagem idêntica à dos campos de concentração nazis. A exclamação face a tal cenário é clara: "God save me, she cried silently, from the stinking power of Satan" (O'Connor 2009, p. 209). Já antes Mrs. Shortley indicara o alcance do perigo:

"They come from over the water," Mrs. Shortley said with a wave of her arm.
"They're what is called Displaced Persons."
"Displaced Persons," he said. "Well now. I declare. What do that mean?"
"It means they ain't where they were born and there's nowhere for them to go – like if you was run out of here and wouldn't nobody have you."
"It seem like they here, though," the old man said in a reflexive voice. "If they here, they somewhere."
"Sho is," the other agreed. "They here."

The illogic of Negro-thinking always irked Mrs. Shortley. “They ain’t where they belong to be at,” she said. “They belong to be back over yonder where every thing is still like they been used to. Over here is more advanced than where they come from.” (O’Connor 2009, p. 199)

A inversão moral verifica-se no tom dúbio com que Mrs. Shortley define estes deslocados: não têm para onde ir, mas não pertencem ao local onde são integrados. Por outras palavras, a sua condição de apátridas permanece, pelo que facilmente podem ser expurgados de direitos humanos, como explica Arendt. Tal aporia caracteriza o relacionamento de Mr. Guizac – e por sinédoque, a de tantos outros refugiados – com a região de acolhimento: sem direito a defesa pelo silêncio mantido, pelo silêncio que lhe é inculcado. A sua presença traz à superfície as pulsões mais intolerantes dos cidadãos locais, que se predispõem à sufocação do que não compreendem ou se recusam a compreender.

No desfasamento claro e insolúvel entre as experiências vividas pelo refugiado e o que as restantes personagens apreendem dos seus atos, o refugiado expõe-se à condição de *homo sacer* que, como Giorgio Agamben teoriza, é alguém exposto na sua vida nua. Nesta condição, experienciam-se situações de total desguarnecimento, podendo os *homini sacer* ser aprisionados sem crime ou retidos em campos sem direito a qualquer defesa jurídica. Sobrevivente à morte, Mr. Guizac assemelha-se ao que Agamben considera no seu estudo sobre o *homo sacer* como “incompatível com o mundo humano. [...] Não pode em modo nenhum habitar a cidade dos homens” (Agamben 1995, p. 99). Talvez seja essa a convicção inconfessada da dona da propriedade e seus empregados. Assim sendo, longe de centros de poder, isolado na quinta de Mrs. McIntyre, o refugiado deste conto está exposto à exclusão e à rejeição, sujeito a uma lei informal de convenções sociais particulares.

Gerado e consolidado o desequilíbrio, resta encontrar os argumentos que justifiquem a rejeição: “It is not my responsibility that Mr. Guizac has nowhere to go [...]. I don’t find myself responsible for all the extra people in the world” (O’Connor 2009, p. 226), argumenta Mrs. McIntyre perante o padre. A desresponsabilização surge, pois, como sustentação do que intuitivamente percebe como falha ética: a abulia irrecuperável de que é acometida após a morte de Mr. Guizac comprova o sentimento de culpa face à rejeição a que o votou, sentimento esse comum às restantes personagens, dado optarem por partir da quinta.

Ironicamente, e numa espécie de processo de reversão, todas as personagens se convertem em *displaced persons*, porque todas (à exceção do

padre) perdem a sua zona de conforto, seja fisicamente, como os trabalhadores que partem, ou Mrs. Shortley que morre, seja psicologicamente, como Mrs. McIntyre, retida numa semi-inconsciência que somente o padre reconforta. Assim, negar a alteridade transforma-se neste conto num processo de queda. Žižek alerta para a aparente contradição segundo a qual a "limitation of our ethical concern to a narrow circle seems to run counter to our spontaneous insight that we are all humans" (2008, p. 41). Porém, perante o diverso, essa percepção dilui-se. Nesta ordem de ideias, nunca Mr. Guizac foi incluído nas dinâmicas daquela comunidade restrita da quinta. Dizendo ao padre que "Christ was just another D.P." (O'Connor 2009, p. 229), Mrs. McIntyre traça o destino do refugiado, assim denunciando qualquer vontade de efetivamente prover à sua integração, ao mesmo tempo que adivinha o sacrifício iminente.

Portanto, não se concretiza, em "The displaced person", o ideal de uma metafísica da humanidade, para além de credos, costumes, língua, experiências ou proveniência geográfica. São precisamente os aspetos culturais que determinam o destino trágico do refugiado de Flannery O'Connor. Já em 1958, numa das primeiras críticas a este conto, Louis D. Rubin, Jr. refere que, antes da chegada dos refugiados, as restantes personagens do conto "are in Eden, but the evil of our times impinges" (p. 37). Estas palavras denotam um sentimento de corrosão provocada pelo aparecimento do que é estranho, e é a partir desta aceção que o ensaísta interpreta o castigo final das personagens e a dissolução de toda a dinâmica da quinta. Este tipo de apreciação tende a leituras religiosas de penitência. Segundo Asals Frederick, por exemplo, "[O'Connor's] lifelong Catholicism was a crucial – if finally indeterminate – factor in the shaping of her imagination" (2007, p. 3). É, todavia, a consciência nítida da difícil transposição de barreiras culturais e de impulsos primários de rejeição, sem reticências éticas, que este conto enfatiza.

"The displaced person" amplifica a questão dos refugiados para além do domínio da lei. Dadas as condições da hospitalidade dependerem sempre do perfil e contextos de quem os acolhe, este conto expõe quanto a aceitação da alteridade é condicionada pela relutância no exercício da solidariedade e pelos contornos violentos que um acolhimento indesejável suscita. Dentro da lei dos estados, mas distantes das convenções sociais estabelecidas; trabalhando para a integração, mas pensando-se sempre cidadãos de um território que lhes rejeitou a cidadania, os refugiados tais como os descritos em "The displaced person" habitam uma zona cinzenta em que a hospitalidade facilmente cai num dúbio conflito de experiências, atos e vontades.

Referências

- Agamben, G. (1998). *Homo Sacer*, ed. utilizada: *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Lisboa: Presença [1995].
- Arendt, H. (2016). *The Origins of Totalitarianism*, ed. utilizada: *As Origens do Totalitarismo*, 6ª ed., Alfragide: Dom Quixote [1951].
- Benjamin, W. (2008). Erfahrung und Armut; ed. utilizada: Experiência e indigência. In *O Anjo da História* (pp. 207-241). Lisboa: Assírio & Alvim [1933].
- Celan, P. (1996). Todesflucht; ed. utilizada: Fuga da morte. In *Sete Rosas Mais Tarde* (pp.15-16). Lisboa: Cotovia.
- Derrida, J. (1996). *Le Monolinguisme de l'autre – ou la prothèse d'origine*, Paris : Galilée.
- _____. (2001). *Cosmopolitas de Todos os Países mais um Esforço*. Coimbra: Minerva.
- _____. (2008). *Séminaire. La Bête et le Souverain*. Paris: Galilée.
- Frederick, A. (2007). *Flannery O'Connor: The Imagination of Extremity*. Athens: The University of Georgia Press [1982].
- Gordon, Sarah (2003). *Flannery O'Connor: The Obedient Imagination*. Athens/London: The University of Georgia Press [2000].
- Griffith, D. (2015). Disponível: <https://www.theparisreview.org/blog/2015/12/10/the-displaced-person/> : Consultado em agosto 2017.
- Kessler, E. (2017). *Flannery O'Connor and the Language of the Apocalypse*. New Jersey: Princeton University Press [1986].
- O'Connor, F. (2009). The displaced person; ed. utilizada: *Complete Stories* (pp. 194-235). Londres: Faber and Faber [1954].
- _____. (1960). Some Aspects of the Grotesque in Southern Fiction. Disponível: http://www.openculture.com/2013/04/listen_as_flannery_oconnor_reads_some_aspects_of_the_grotesque_in_southern_fiction_c_1960.html. Consultado em agosto 2017.
- Pimentel, I. (2006). *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.
- Rubin Jr., Louis D. (2004). Flannery O'Connor: A note on literary fashions. In: Douglas Robillard, Jr., (eds) *The Critical Response to Flannery O'Connor* (pp. 14-18). Westport, Connecticut, London: Praeger [1958].
- Sharp, Jolly, K. (2011). *Between the House and the Kitchen Yard. The masks of Flannery O'Connor*. Georgia: Mercer University Press.
- Žižek, S. (2009). *Violence*, Londres: Profile Books [2008].

[recebido em 5 de setembro de 2017 e aceite para publicação em 5 de janeiro de 2018]